

AS CERIMÔNIAS NAS CONFISSÕES LUTERANAS

THE CEREMONIES IN THE LUTHERAN CONFESSIONS

Fernando Ellwanger Garske¹

Resumo: Este artigo visa observar a posição dos primeiros confessores luteranos sobre o uso das cerimônias na igreja e os critérios utilizados para aprovar ou desaprovar seu uso, em comparação com a teologia romana. Os confessores demonstram que o uso de qualquer cerimônia deve estar relacionado e sujeito a uma correta compreensão da doutrina da justificação pela fé. A base da observação neste artigo são as confissões de fé da Igreja Luterana, reunidas no Livro de Concórdia.

Palavras-chave: Confissões. Cerimônias. Reverência.

Abstract: This article aims to observe the position of the first Lutheran confessors on the use of ceremonies in the church and the criteria used to approve or disapprove their use, in comparison with Roman theology. The confessors demonstrate that the use of any ceremony must be related and subject to a correct understanding of the Doctrine of Justification by Faith. The basis of the observation in this article is the confessions of faith of the Lutheran Church, gathered in the Book of Concord.

Keywords: Confessions. Ceremony. Reverence.

¹ Pastor em Novo Hamburgo, RS. Bacharel em Teologia, Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas (2001). Especialista em Habilitação ao Ministério Pastoral, Seminário Concórdia, São Leopoldo (2003).

INTRODUÇÃO

A Igreja Luterana é uma igreja histórica. Os reformadores corrigiram muitos abusos e erros. Resgataram a pureza e a clareza do evangelho de Cristo. Porém não desprezaram a beleza, os hinos, a arte, os ritos, tradições, cerimônias e o fruto de toda a caminhada de uma igreja que já contava com quinze séculos de existência criativa. Não era característico dos primeiros luteranos o desprezo ao passado. Nem um retorno, na contramão da história, aos dias da igreja primitiva. Retiveram as bênçãos, rejeitaram os abusos. Sempre tendo em mente o ensinamento central da Escritura Sagrada: a justificação pela fé somente, conforme confessado no artigo IV da Confissão de Augsburgo (CA). Desta forma, a Igreja Luterana reteve ritos e cerimônias antigas, que fazem parte da vida e do culto da igreja até hoje.

Como os confessores lidaram com esses ritos e cerimônias? Que lugar tinham na teologia e prática da Igreja Romana? Com quais critérios alguns foram mantidos? Por que outros foram condenados?

Nosso propósito é buscar nas Confissões Luteranas as respostas para esses questionamentos e compreender, de forma breve e rudimentar, o posicionamento dos confessores luteranos em relação à utilidade, efeito, compreensão e prática das cerimônias na igreja.

DEFININDO CERIMÔNIA

Os seres humanos são feitos de carne e sangue. Não são seres etéreos, constituídos apenas de mente e espírito. Os seres humanos interagem no mundo criado e desenvolvem nele sua atividade. Eles veem e são vistos. Aquilo que está em seu interior se manifesta através de pensamentos, palavras, gestos e atitudes.

Quando Jesus fala que os verdadeiros adoradores de Deus o adorarão em espírito e em verdade (Jo 4.24), ele não está excluindo a *forma* ou *atividade externa* da adoração. Jesus demonstra isso quando instituiu a Nova Aliança no contexto da estrutura litúrgica do Antigo Testamento, usando elementos visíveis herdados do culto veterotestamentário (Mt 24, Mc 14, Lc 22). Essa também é a compreensão dos primeiros cristãos que mantêm o uso

de salmos, orações, saudações, provindos do culto do Antigo Testamento. Ainda que a legalização do cristianismo e o aumento do número de cristãos tenham causado maior organização e rigidez, podemos perceber o uso de ordens litúrgicas no culto público desde muito cedo (BRAUER, 1993, p.48ss).

A adoração, em espírito e em verdade, é conduzida ordenadamente por meio da liturgia. A adoração litúrgica, por sua vez, é constituída pelo rito e pela cerimônia. Rito é a forma prescrita das palavras ditas na liturgia (ordem de culto, etc). Cerimônia refere-se às ações e gestos ligados à comunicação verbal (curvar-se, ajoelhar-se, fazer o sinal da cruz, etc).

CERIMÔNIA E REVERÊNCIA

A palavra grega προσκυνεο, usada no Novo Testamento para designar adoração ou reverência, nos ajuda a compreender a questão. O termo προσκυνεο não é bem compreendido quando o tomamos no sentido de um *sentimento* de adoração ou reverência. Na verdade, significa uma *ação* de **adoração e reverência**, sendo traduzido muitas vezes como *inclinare, ajoelhar, prostrar*.² Atitudes externas expressam o sentimento de reverência que está no coração. Essas ações são chamadas de cerimônia. Portanto, uma cerimônia verdadeira é o externar da reverência. Os cristãos são reverentes e, portanto, não é estranho que desenvolvam e mantenham cerimônias.

É interessante e deve ser destacada a relação entre reverência e a presença graciosa do Senhor. Na maioria das vezes, o verbo προσκυνεο aparece no Novo Testamento em direção a Jesus, o Verbo Encarnado. Foi usado para designar a ação externa daqueles que demonstravam confiança de que ele poderia agir ou havia agido poderosamente com sua graça (Mt 8.2; 9.18; 14.33; 20.20; 15.25; 28.9, 17; Mc 5.6; 15.19).

Existe uma relação muito estreita entre reverência e a presença de Deus. Não a presença geral do Deus onipresente, mas a presença do Deus encarnado em Cristo, em ação graciosa.

Que essa era a visão de Lutero, fica claro na ilustração que ele usou em um sermão sobre o evangelho de São João:

² Em Mt 2.11, a versão NAA traduz por “Prostrando-se, o adoraram...”.

Enquanto as palavras [do Credo] ‘e foi feito homem’ estavam sendo cantadas na igreja, ele (bobo grosseiro e brutal) permaneceu de pé, nem ajoelhando nem tirando o chapéu. Ele não mostrou nenhuma reverência, mas apenas ficou lá como um torrão. Todos os outros caíram de joelhos quando o Credo Niceno foi rezado e cantado com devoção. Então o diabo se aproximou dele e o atingiu com tanta força que fez sua cabeça girar. Ele o amaldiçoou terrivelmente e disse: “Que o inferno te consuma, sua besta insensata! Se Deus tivesse se tornado um anjo como eu e a congregação cantasse: ‘Deus se fez anjo’, eu dobraria não apenas meus joelhos, mas todo o meu corpo até o chão. Sim, eu afundaria dez braços no chão. E você criatura humana vil, você fica aí como uma vara ou uma pedra. Você ouve que Deus não se tornou um anjo, mas um homem como você, e você simplesmente fica ali como um pedaço de madeira”. Esta história pode ser verdadeira ou não, no entanto, está de acordo com a fé (Rm 12:6). Com esta história ilustrativa, os santos padres desejavam admoestar os jovens a reverenciar o indescritivelmente grandioso milagre da encarnação. Eles queriam que abrissemos bem os olhos e ponderássemos bem sobre essas palavras. (LUTERO, 1957, p.105 – Tradução nossa).

Essa relação entre reverência e a presença encarnada de Deus, por nós, com a sua graça, de certa forma esclarece por que denominações cristãs que negam a presença sacramental de Jesus também acabaram abandonando o culto reverente e litúrgico. Indica ainda que a falta de reverência e de sua expressão, por vezes percebida também entre nós, pode ser o sintoma de uma crise na confiança da presença real e graciosa de Jesus na santa ceia.

Visto isso, compreendemos por que os confessores luteranos não cogitaram abolir as cerimônias. Elas são uma condição necessária ao culto corporativo, para conduzi-lo com ordem e decência (BRAUER, 1993, p.52). Também são a expressão da nossa reverência diante do Deus encarnado que está presente na ceia com seu corpo e sangue e em todo o culto com sua Palavra e perdão.

As Confissões Luteranas não discutem se devemos ou não fazer uso de cerimônias no culto corporativo. Elas inevitavelmente têm o seu lugar. O debate, presente nas Confissões, discute que tipo de cerimônias e que tipo de compreensão é legítimo e atinge seu verdadeiro propósito, não

sendo prejudiciais para a pregação do evangelho da graça e a doutrina da justificação pela fé.

O PANO DE FUNDO DA QUESTÃO DAS CERIMÔNIAS

A divergência entre luteranos e católicos romanos quanto ao uso e proveito das cerimônias tem sua raiz na doutrina da justificação. O entendimento e o uso romano das cerimônias estavam intimamente ligados à sua compreensão da justificação pelas obras. Entendiam que através das cerimônias e tradições, aqueles nos quais a graça tinha sido infundida, poderiam obter mérito e reconciliação com Deus. A igreja tinha a função de prescrever as formas e servia de mediadora para a obtenção do mérito.

Temos um grande exemplo desta concepção católico-romana no sacrifício da missa. E por isso ela recebe especial atenção das Confissões.

O grande problema combatido pelo artigo XXIV da CA e Apologia da Confissão (Ap), bem como pelo segundo artigo da segunda parte dos Artigos de Esmalcalde, é que o papado tinha transformado a missa numa obra humana. O sacerdote oferecia a missa como um sacrifício propiciatório por vivos e mortos. Esta ação teria, por si só, o poder de perdoar pecados e reconciliar com Deus. Assim, esperando que um ato cerimonial comunicasse graça por si mesmo, a Igreja Romana abriu as portas para a ideia farisaica de *ex opera operato*,³ tão combatida por Jesus (Mt 23).

Aliás, a compreensão de que uma cerimônia possa reconciliar com Deus *ex opera operato*, é a raiz de todo o problema. Tal concepção nega o sacrifício único de Cristo, diminui a sua glória e faz com que o ser humano tome o lugar de Cristo, como se ele fosse capaz de tomar as rédeas de sua própria salvação. Assim, o foco é tirado de Cristo e colocado sobre missas e indulgências; a pregação do evangelho é relegada a segundo plano, ao mesmo tempo em que se multiplicam as cerimônias.

O resultado desta visão romana é que a reverência de coração diante da presença graciosa e encarnada do Filho de Deus é obscurecida pelo sacrifício cerimonial e exterior pelo qual se busca o mérito. Com muito

3 Em virtude da obra realizada.

zelo se oferecia a Deus o que ele não havia pedido. E nenhum ou quase nenhum zelo tinha-se em relação aos sacrifícios verdadeiramente cristãos e esperados por Deus: a pregação do evangelho, a fé, a invocação (Ap, 2007, XXIV, 34).

O POSICIONAMENTO DOS CONFESSORES

O problema da Igreja Romana não era a liturgia ou o uso de cerimônias, mas a compreensão errônea ou a falta de compreensão de sua verdadeira utilidade.

Para os confessores, os teólogos romanos, especialmente os escolásticos, tinham dificuldade em definir e distinguir os termos sacramento e sacrifício (Ap, 2007, XXIV, 16). Na Ap, Melancton discorre sobre o assunto a fim de realizar esta distinção e definir os termos corretamente, mostrando com clareza a diferença entre eles.

Ao contrário da visão escolástica, a posição confessional luterana é a de que sacramento é uma obra de Deus por nós, “uma cerimônia ou obra na qual Deus nos apresenta aquilo que a promessa anexa à cerimônia oferece” (Ap, 2007, XXIV, 18).

Já o sacrifício, importa distinguir dois tipos:

São duas, não mais, as espécies próximas do sacrifício. Uma é o sacrifício propiciatório, isto é, obra que satisfaz a culpa e a pena, isto é, que reconcilia a Deus, aplaca-lhe a ira ou que merece a remissão de pecados em benefício de outros. A outra espécie é o sacrifício de ação de graças, que não merece a remissão dos pecados ou a reconciliação, mas é feito pelos reconciliados, a fim de rendermos graças pela remissão dos pecados recebida e por outros benefícios, ou em ordem de retribuirmos gratidão (Ap, 2007, XXIV, 19).

Melancton destaca ainda que houve no mundo um único sacrifício propiciatório, a saber, a morte de Cristo (Ap, 2007, XXIV, 22).

A argumentação de que os sacrifícios levíticos do Antigo Testamento eram propiciatórios e de que este fato endossa a visão escolástica é falho. Os sacrifícios levíticos, por vezes chamados propiciatórios, não são propiciatórios no sentido de merecerem remissão diante de Deus, mas, pela

sua semelhança com o sacrifício de Cristo. Mereceram remissão segundo a justiça da lei, a fim de que os que pecaram não fossem excluídos do povo de Israel (Ap, 2007, XXIV, 21). Em suma, a morte de Cristo é a satisfação pelos nossos pecados, e não as cerimônias da lei (Ap, 2007, XXIV, 23).

No Novo Testamento o culto levítico é ab-rogado para que se façam sacrifícios novos e puros: fé, invocação, ação de graças, confissão e pregação do evangelho, aflições por causa do evangelho e coisas semelhantes (Ap, 2007, XXIV, 30). Estes são sacrifícios de louvor, isto é, feitos em fé, pelos reconciliados (Ap, 2007, XXIV, 26).

Na correta distinção entre sacramento e sacrifício está a chave para o uso salutar de toda e qualquer cerimônia.

É preciso ter clareza de que as cerimônias estarão presentes no culto cristão, nos sacrifícios de louvor. Porém, é preciso ter cuidado para que não se tornem atos externos sem relação interior com a fé, ou atos impostos com o objetivo de obter mérito (Ap, 2007, XXIV, 33). Afinal, já que as cerimônias externas foram instituídas por seres humanos, não são adoração no sentido estrito do termo (FÓRMULA DE CONCÓRDIA, 2007, DS X,26), não são necessárias para a salvação (CA, 2007, XV,2) e não se recebe os benefícios ou as promessas de Deus senão pela fé. De forma que, sem fé, as cerimônias não aproveitam em nada (Ap, 2007, XV,3; XXIV, 70, 77).

Assim, as cerimônias são boas quando são feitas em fé e promovem a fé pela Palavra e sacramentos (Ap, 2007, XV, 11), quando expressam a reverência do coração e são manifestações visíveis dos sacrifícios de louvor, que estarão presentes na missa como um todo, em sentido lato, mas não são a missa em si (Ap, 2007, XXIV, 35).

PRINCÍPIOS PARA JULGAR CERIMÔNIAS

As cerimônias são boas quando são feitas pelos crentes como expressão externa da sua fé. O dr. Martinho Lutero lembra no Catecismo Maior que nenhuma obra é boa ou santa para Deus se aquele que a praticou não foi tornado santo primeiro. E esta justificação do homem é realizada mediante a Palavra de Deus. Lugares, tempos e pessoas e toda ordem externa do culto foram instituídas a fim de que a Palavra de Deus possa exercer este poder publicamente (CATECISMO MAIOR, 2007, 94).

A cerimônia existe em função da Palavra. A Palavra oferece a remissão dos pecados. E a cerimônia é, por assim dizer, pintura da Palavra, ou selo, como lhe chama Paulo, pintura ou selo que mostra a promessa (Ap, 2007, XXIV,70). A finalidade principal de todas as cerimônias é que o povo delas aprenda o que lhe é necessário saber de Cristo (CA, 2007, XV, 3). Cerimônias devem ser observadas para que as pessoas aprendam a Escritura, e admoestados pela Palavra, concebam fé e temor, e assim também orem (Ap, 2007, XXIV, 4).

Entre os luteranos é bastante acentuada a importância do compreender e promover a fé pela Palavra em contraste com a noção católica romana da suficiência do fazer (*ex opera operato*). Cerimônia, reverência e ensino a respeito de Cristo andam juntos e são apropriados ao culto cristão.

A igreja cristã prima pela ordem e decência (1Co 14). Em função disso é que cerimônias logo encontraram o seu lugar entre o povo de Deus. As Confissões Luteranas resgatam esse princípio no seu uso lembrando que os antigos pais instituíram tradições não para merecer graça, mas pela tranquilidade e boa ordem (CA, 2007, XV e Ap, 2007, XV, 13). Confessam ainda que os santos pais observavam ritos humanos e tradições por causa de vantagem física: para que o povo soubesse quando se reunir, a fim de tudo ser feito com ordem e dignidade, para exemplo e para que o povo fosse educado pelo rito e tradição. Pois a distinção de tempos e a variedade de ritos são valiosas para a admoestação das pessoas comuns (Ap, 2007, XV, 20).

Por isso a Igreja Luterana não rompe com aquelas cerimônias que contribuem para a paz e a boa ordem e que podem ser observadas sem pecado (CA XV, 1). Dizem os confessores: “Observam-se as cerimônias públicas usuais, a ordem das leituras, das orações, das vestes e outras coisas semelhantes” (Ap, 2007, XXIV, 1).

Más cerimônias, porém, podem ser detectadas usando-se um princípio claro e objetivo: se tais ordenações e tradições foram criadas com o propósito de por elas conquistar a reconciliação com Deus ou merecer graça, então são contrárias ao evangelho (CA, 2007, XV, 3). As tradições criadas para se merecer graça são chamadas pela Bíblia de doutrinas de demônios (1Tm 4.1), porque obscurecem o evangelho, o benefício de Cristo e a justiça da fé (Ap, 2007, XV, 4). Ritos e cerimônias (cultos) que obscurecem a doutrina da justificação e julga-se que possuem ação

mediadora da graça de Deus são cultos ao anticristo e verdadeira expressão de seu reino (Ap, 2007, XV, 19).

Pela sua aparência de sabedoria, muitas vezes enganam as pessoas como se fossem cultos meritórios. Assim, multiplicam-se as cerimônias e tradições, conforme o exemplo do judaísmo e dos católicos romanos (Ap, 2007, XV, 22). Tal visão acaba obscurecendo os mandamentos de Deus, sendo que vida espiritual genuína passa a ser entendida como vida dedicada a estes cultos e não ao mandamento de Deus, como se verdadeira boa obra fosse participar do ritual e não as obras comuns, na vocação, ordenadas por Deus, tais como casamento, economia doméstica, educação dos filhos, trabalho (Ap, 2007, XV, 25).

Além de minar a vocação e os estados cristãos, ordenados por Deus, a teologia que institui as cerimônias com o fim de se obter graça é uma teologia da dúvida, pois como saberá se estas obras realmente agradam a Deus se não têm o testemunho da Escritura? (Ap, 2007, XV, 14). Assim, rituais e cultos que existem em função de si mesmos, para com eles merecer graça, são pecaminosos. Porque tudo o que não provém da fé é pecado e já que não têm nenhum testemunho ou ordem da Escritura, a consciência duvida sobre se de fato agradam a Deus (Ap, 2007, XV, 17).

Na Confutação da CA, os adversários deixaram claro qual sua grande preocupação: imagens, velas e ornamentos. O cerimonialismo romano estava a serviço do status quo e para forjar uma autoridade na igreja diferente da autoridade de pregar o evangelho e administrar os sacramentos. O cerimonialismo dava uma noção de poder especial ao sacerdote (clero). O cerimonialismo *ex opera operato* cooperava com o clericalismo e obscurecia a verdade do sacerdócio universal de todos os crentes. A grande e última preocupação era a autoridade do papado e não a de Cristo (Ap, 2007, XXIV, 44, 51). Assim, o cerimonialismo *ex opera operato* produziu, em substituição a Cristo, outros mediadores e propiciadores, como sumos sacerdotes e sacrificantes, que diariamente vendiam seu trabalho nos templos (Ap, 2007, XXIV, 57).

Diante de toda esta má compreensão e de resultados tão funestos, os confessores rejeitaram as missas privadas compradas por dinheiro (CA, 2007, XXIV, 13), a noção de sacrifício da missa (CA, 2007, XXIV, 21) e o uso da missa como obra para alcançar o perdão dos pecados (CA, 2007, XXIV, 29).

Em relação ao uso de velas e outros adornos, os confessores advertiram que o zelo excessivo por essas coisas bem como a instituição excessiva de tradições obscurecem o principal adorno da igreja, o arrependimento e a fé (Ap, 2007, XXIV, 44, 51).

Diante disso, algumas questões podem auxiliar na tarefa da igreja de julgar cerimônias: Tal cerimônia está em conformidade com a doutrina e os mandamentos de Deus? Ela contribui para a paz e a boa ordem na igreja? De que maneira? Ela é bem compreendida e promove o evangelho e a reverência diante da presença graciosa do Senhor? Existe o ensino ou a compreensão de que participar ou manter tal cerimônia nos faz melhores diante de Deus ou de que Deus leva isso em conta ao tratar conosco?

CONSIDERAÇÕES

Cerimônias são úteis para a igreja sob muitos aspectos, especialmente quando promovem a reverência, ensinam a Palavra e mantêm a paz e a boa ordem. Por isso mesmo, a Igreja Luterana conserva de boa mente as antigas tradições em razão da utilidade e tranquilidade, e as interpreta com indulgência, excluindo a opinião sobre a qual elas justificam (Ap, 2007, XV, 38). Nossos confessores advertem ainda que não se modifique algo em ritos usuais sem razão provável (Ap, 2007, XV, 51).

No entanto, ainda mais enfática é a posição de que o culto verdadeiro a Deus não se baseia em cerimônias, mas em ensinar o evangelho (Ap, 2007, XV, 42). Assim, o uso das tradições deve ser moderado e sempre bem compreendido (Ap, 2007, XV, 51), não devem onerar as consciências como se fossem necessários à salvação (CA, 2007, XV). Pois, para a verdadeira unidade da igreja não é necessário que os ritos e tradições sejam iguais em toda a parte (CA, 2007, VII, Ap, 2007, XV, 18).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUER, James Leonard. *Lutheran Worship: History and Practice* Hardcover. St. Louis: Concordia Publishing House, 1993.

LUTERO, Martinho. Sermons on the Gospel of St. John, Chapters 1-4. Jaroslav Pelikan (Ed.). In: *Luther's Works* (AE), v.22. St. Louis: Concordia Publishing House, 1957.

LIVRO DE CONCÓRDIA. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Tradução de Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2007.